

Saga Brasileira

LUIZ CARLOS DA CUNHA
Especial para o CORREIO

Cada cidade faz sua história. Umas nascem do fascínio do ouro; outras despertam num bivaque à beira dum rio; outras mais, no rastro de aventureiros conquistadores de terra e de gente. Raras, como Brasília, florescem dum sonho. Nasceu do traçado singelo de quem marca um lugar — o sinal da cruz, na expressão de Lúcio Costa. Foi gesto político também: a decisão governamental de resgatar o interior brasileiro.

Mas a substância do sonho, a força física do gesto, se esconde e dissolve no amplo anonimato de homens que argamassaram o subjetivo do ideal.

O vasto exército dos simples, no suceder monótono dos dias, no somatório das energias disparatadas, foi modelando na dureza dos materiais os projetos — sinônimos de sonhos.

Fui feliz em testemunhar parte desta gestação da capital brasileira. Nela ingressei ao roldão das alterações políticas advindas com o governo João Goulart. Apenas como espectador. O governo precedente paralisara a cidade, congelando todo e qualquer investimento. Com a assunção de político afinado com os métodos de Juscelino, a população de Brasília estava outra vez eufóricas e cheia de esperanças.

A convite do saudoso Dep. Unirio Machado, integrei uma caravana de formandos de Direito, vindos de Santo Ângelo das Missões. Por obrigação de

conhecimento profissional, Brasília me era familiar. Os sucessivos projetos dos edifícios eram mensalmente publicados nas revistas técnicas do Brasil e do estrangeiro. Contemplá-la de corpo presente, para mim, tinha o sabor de visitar um canteiro de obras e conferir como arquiteto o cumprimento dos projetos em execução.

Dos prédios governamentais definidores do Eixo Monumental, apenas a Praça dos Três Poderes e uns 10 blocos de Ministérios, mais o Palácio da Alvorada, estavam completos. O Brasília Palace Hotel, constituía o apoio logístico da alta cúpula. Dois anexos simples e confortáveis ampliavam sua capacidade.

Porém três blocos eram cercados pelo lodaçal que se precisava vencer até a via asfaltada — única para veículos e pedestres.

As chuvas de janeiro, jorrandos sem aviso, surpreendiam o passante desamparado à espera de uma carona para a Rodoviária ou para o Congresso.

Felizmente ela sempre aparecia, gentil e conversadoira, tagarelando os mais distantes, ataques do linguajar brasileiro.

Desta visita publiquei meu primeiro depoimento sobre a capital, no "Correio do Povo" de Porto Alegre.

"Brasília é impressionante. Nem a palavra dos cronistas, nem o memorial de Lúcio Costa, nem a arte fotográfica se podem comparar ao impacto da realidade".

Terminava lamentando a au-

sência de expressões econômicas — particular e pública — do Rio Grando do Sul. Destacava a presença dos bancos privados de Minas, São Paulo e mesmo Nordeste com suas agências a pleno funcionamento.

Dois anos depois, como professor catedrático, acompanhei alunos da Faculdade de Arquitetura da UFRGS que vinham a convite da co-irmã da Universidade de Brasília, participar de um curso sobre o Urbanismo do Plano Piloto.

Modestamente instalada em três pavilhões pré-moldados, a "escola de arquitetura de Oscar Niemeyer" tal como gostavam de chamá-la seus estudantes, surpreendido forasteiro pela total inexistência de liames administrativos, aqueles triviais e inerentes a qualquer organização escolar.

Uma informalidade "moderna", que ao visitante aparecia como disciplina liquefeita.

Os blocos — designados B1, B2 e B3 — eram de simplicidade franciscana: um quadrilátero de 3 metros de altura, feito de painéis de concreto caiados de branco. Apenas duas portas de ferro, pintadas de vermelho comunicavam com o espaço envolvente. Quando abertas, giravam para o alto se transformando em marquize. Ao transportá-las, o visitante — com as pupilas constringidas pela iluminação fulgurante da atmosfera do planalto e a retina acomodada ao horizonte desmedido — se extasiava.

A luz e a atmosfera se adoçavam no recolhimento daquele interior, onde os jardins de vegetação robusta exalavam uma umidade cheirosa e filtravam os raios diretos do sol. Era como penetrar num refúgio. Ou talvez, a sensação de irromper numa capela perdida na solidão do serrado. Depois duma parada contemplativa, o se deixar mergulhar na lascidão do trabalho intelectual...

Os móveis de jacarandá e couro cru, bem postos na geometria do piso polido de concreto, compunham uma intimidade encantadora com a natureza.

Nenhum obstáculo os separava dos jardins. Tufos de capim gigante — parecidos com cana — se esgueiravam pela pérgola, famintos de luz. De quando em quando o esvoaçar de pássaros, em alegres chilreios, interrompia aquela tranquilidade arquitetônica, sem a ferir. Todas as funções utilitárias se distribuíam em função dos jardins, e, tão comedidamente postas, como resultantes de um feliz e incompreensível arranjo da casualidade.

Em duas paredes de entrada, estava pincelado pelo próprio autor o esboço sincrético das obras fundamentais de Brasília. De permeio sua versão da Pomba da Paz — marca do engajamento político nos dias vividos.

Em nossa visita ao Centro de Planejamento da UnB, num daqueles blocos, encontramos o grande arquiteto que, quase encabulado, acedeu em ser fotografado com o grupo.

Naqueles dias de janeiro, a universidade se achava em férias. O professor a quem devíamos procurar, o responsável pelo convite e pelo curso, não foi sequer encontrado. Na secretaria da escola — uma sala limitada por armários empoeirados — ninguém sabia informar sobre curso de férias. Espantoso!

Podia se perceber que os responsáveis pela organização daquela escola nascente estavam convencidos da possibilidade de substituir as normas prosaicas da administração escolar pela ostentação da fama de seu ilustre coordenador. A sombra de sua personalíssima presença, imaginar que o aprendizado de arquitetura fosse acontecendo a "nova escola", com a mesma facilidade com que ele esboçava seus projetos. Um teórico escreveu à ocasião: "como Cropsius fundara a Bauhaus, chegara a vez de Niemeyer fundar "sua escola".

Do que se conhecia da personalidade do mestre brasileiro, era-lhe totalmente incompatível preparar discípulos ou criar escola. Ele, provavelmente não devia ter qualquer culpa daquela iniciativa.

Livres da carga horária e dos compromissos mentais que um curso, mesmo de férias, acarretava meus alunos relaxaram as tensões da frustração imediata. Logo se sentiram alegres e livres para cursar urbanisticamente todos os recantos da cidade capital, na sola do pé e no rodar dos ônibus, à sua vontade.

De Taguatinga — uma incerta estrada vermelha, entalada entre amontoados barracões, onde se vendia de tudo: pente, carne-de-sol, santinho D. Bosco — até Planaltina: marco histórico onde Gastão Cruls deixou gravada a definição geodésica do provável Distrito Federal em 1940, tudo foi percorrido com carinho e admiração.

Esgotados os dias que nos confiamos, todos estavam conscientes da grandiosidade daquele empreendimento: a Nova Capital do Brasil. Quando o avião sobrevoava o gigantesco modelo de cidade riscado no chão, rumando ao sul, ocorreu-me um pensamento perturbador: E se o curso, que não tivéramos, fosse uma inovação da didática informal? Se aqueles professores já estivessem vivendo no limiar de horizontes acadêmicos que a rotina de nosso provincianismo não permitia compreender? Se o curso na verdade fosse a inexistência de curso? Ou, que o curso era a ação do indivíduo ao aprender com os próprios olhos, as próprias mãos, os próprios pés?

Os indivíduos como as cidades, como as nações, constroem-se a si mesmos? ...Deve ser...

Do alto, à vista do ajardinamento da W3, o implante da arborização acelerada esverdeando a nudez do asfalto com ipês e acácias adultas, era uma resposta ilustrativa e eloquente à minha silenciosa e muda indagação.